

O Estudo da História Social da Língua e sua Importância para o Ensino

Aline de Novais Brandão¹

A linguagem humana, objeto de estudo da linguística, não se caracteriza como uma realidade estável e imutável, seja ela em sua manifestação oral ou escrita. A língua é concebida, sobretudo em teorias como a Sociolinguística Variacionista de Labov, como um objeto cultural, social e histórico, uma vez que está diretamente relacionado com os sujeitos falantes e com as interações e usos que esses fazem da língua. É nessa perspectiva que pesquisadores e pesquisadoras como Faraco (2005), Gonçalves (2019) e Souza (2006) desenvolvem seus estudos.

Todas as línguas estão suscetíveis a processos de variações e mudanças. Uma vez que a língua é construída pelos sujeitos, e que esses sujeitos históricos estão imersos em culturas e sociedades que passam por sucessíveis processos de transformações, a língua tende a acompanhar essas mutações. De acordo com Faraco (2005), são quatro os eixos de mudanças das línguas: temporal, histórico, espacial e social.

Ressalta-se, nesse cenário, que variação e mudança não se referem ao mesmo processo. Analisando uma língua sincronicamente – ou seja, em um recorte de tempo aparentemente estático – podemos identificar a existência de diferentes variações, isso é, diferentes formas para referir-se a um mesmo valor; quando, analisando diacronicamente – ao longo da história de uma língua – identificamos que uma dessas formas deixou de ser utilizada, e a outra se perpetuou massivamente, chamamos esse processo de mudança.

Fatores extralinguísticos como a dimensão geográfica, a fase geracional e a classe social a que uma pessoa pertence podem fazer com que ela utilize uma variação de uma forma em detrimento de outra. Um exemplo comumente utilizado para ilustrar a variação diatópica existente no Português do Brasil é o uso da forma *aipim*, no nordeste do país, e da forma *mandioca*, na região sul, ambas para referir-se à mesma raiz tuberosa da planta nativa da América do Sul.

Existem diferentes tipos de variações: a variação diatópica, citada no exemplo anterior, está relacionada às diferentes formas de representar um mesmo valor em distintas regiões geográficas; a variação diastrática, por sua vez, é relativa às formas que determinado grupo social utiliza; e a variação diafásica, por fim, está ligada ao contexto de uso de uma dada forma. Diante dos distintos tipos de variação, salienta-se que não há – ou não deve haver – uma hierarquia e um julgamento de

¹ Graduanda no curso de Letras Vernáculas e Língua Estrangeira Moderna (Inglês) da Universidade Federal da Bahia. E-mail: aline.novaisb@gmail.com

valor entre as variantes. Nenhuma forma é superior a outra. Todas elas são válidas, devendo ser aceitas e consideradas enquanto identidade de determinado grupo e enquanto fator de diversidade, comum a todas as línguas.

A linguística histórica é a subárea da linguística responsável por investigar as mudanças que se imprimem na língua. São estudadas não apenas as mudanças, mas também os processos que fazem com que determinadas marcas continuem em uso. A célebre pesquisadora Mattos e Silva (2008) define a linguística histórica como

[...] o campo da linguística que trata de interpretar mudanças – fônicas, mórficas, sintáticas, e semântico-lexicais – ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinável espaço geográfico e em determinável território, não necessariamente contínuo. (Mattos e Silva, 2008, p. 8)

Faz-se necessário, para a realização de tal análise, o amparo de uma teoria e a utilização de um método específico. Faraco (2005) argumenta que a concepção de linguagem é o que vai direcionar o modo como cada teoria interpretará a mudança e que determinará, também, quais métodos serão adotados. Ainda segundo o linguista brasileiro, o método histórico-comparativo, herança dos pioneiros da linguística histórica do século XIX, é utilizado ainda hoje para identificar o parentesco de diferentes línguas. Outro método ainda utilizado, pautado na diretriz saussuriana, utiliza como suporte os documentos escritos de tempos pretéritos.

A filologia é a ciência que se ocupa do estudo e da edição crítica de textos em suas diferentes formas de produção e de circulação, atentando-se à sua vinculação com a cultura, a língua, a história e o tempo. Uma vez que o texto é “[...] um objeto material, cultural, histórico e linguístico, que registra os rastros das práticas discursivas dos sujeitos” (Gonçalves, 2018, p. 50), o trabalho filológico se torna crucial como “meio para constituição de corpus linguístico para o estudo crítico, investigativo e histórico das línguas [...]” (Gonçalves, 2018, p. 49). Essa área luta “contra o apagamento da história e da memória dos textos e das línguas” (Gonçalves, 2018, p. 50), fornecendo aparo e estando estritamente ligada aos objetivos da linguística histórica.

Indo ao encontro das perspectivas trabalhadas pela linguística histórica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento formativo que apresenta conteúdos que devem compor os currículos de escolas públicas e privadas de ensino infantil, fundamental e médio do país, inseriu em seu escopo a necessidade de proporcionar, nos espaços escolares, reflexões sobre o caráter mutável das línguas. A BNCC (2018) afirma que

difundir o conhecimento de que as línguas são estritamente ligadas à identidade cultural dos sujeitos é uma forma de respeitar e valorizar a diversidade linguística existente no Português do Brasil.

Ainda existem muitos desafios na prática docente voltada ao respeito e à valorização das variações linguísticas, uma vez que a sociedade prioriza o modelo engessado de ensino das gramáticas prescritivas e da norma culta da língua. Entretanto, há escolas que têm trabalhado essa questão, como o Centro de Ensino Médio Setor Oeste, em Brasília. Neto (2017) construiu sua monografia trabalhando com os discentes e analisando o efeito do ensino da temática na escola. Ele concluiu, no entanto, que o tema ainda é nebuloso para os alunos formandos, que apresentam dificuldades para definir corretamente o que são as variações que ocorrem nas línguas.

Levar a discussão da diversidade e da mudança linguística para os âmbitos escolares, trabalhando a língua como um objeto mutável e dinâmico, suscita o respeito aos direitos linguísticos de todas as comunidades de fala, corrobora para o fim do preconceito linguístico e aproxima os discentes que se sentem coibidos e distantes da língua portuguesa, seja por acharem-na complexa demais (quando ensinada nos moldes tradicionais e prescritivos), ou por não identificarem as variações que utilizam como válidas no processo de ensino-aprendizagem.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2018, 600 p. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf.

Acesso em: 12 de fevereiro de 2021.

FARACO, Carlos Alberto. A Linguística Histórica é uma disciplina científica. In: **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola, 2005. p. 91 – 127. Disponível em;

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5670775/mod_resource/content/0/FARACO%20Carlos%20Alberto%20-%20Linguística%20Histórica.pdf

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. Diálogos entre Crítica Filológica e Linguística Histórica: construindo trilhas para o estudo linguístico de textos históricos. In: ATAÍDE, Cleber et al. (Orgs.) **Estudos linguísticos e literários**: caminhos e tendências. 1 ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2019, v. 1. p. 11-20. Disponível em: <https://gefill.ufba.br/acervo-producoes-cientificas>

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. A Filologia e o estudo histórico das línguas românicas. In: **Cadernos do CNLF, vol. XXII, n. 03. Textos completos**, Tomo II. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2018. p. 49 - 62. Disponível em: <https://gefill.ufba.br/acervo-producoes-cientificas>

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 7 – 15. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5670758/mod_resource/content/1/Caminhos%20da%20Lingu%C3%A1stica%20Hist%C3%B3rica.pdf

NETO, Daniel Félix de Alfaz. **O Ensino da Variação Linguística na Escola**. 2017. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua e Literatura Portuguesa) – Instituto de Letras – UnB, Brasília, 2017.

SOUZA, Maria Clara Paixão de. Linguística Histórica. In: PFEIFFER, Claudia; NUNES, José H. (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem: Linguagem, história e conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-48.